

Arthur Schopenhauer

Resumo

Arthur Schopenhauer (1788 - 1860) foi um grande filósofo alemão, conhecido principalmente por sua obra “o mundo como vontade e representação”, tendo influenciado pensadores como Nietzsche, Kierkegaard, Freud, Jung, e artistas como Jorge Luis Borges, Rilke, entre outros. Schopenhauer se apropria de elementos do budismo e de alguns aspectos da filosofia kantiana para construir uma ética da compaixão. Segundo ele, a filosofia tradicional errou em não dar à compaixão o valor que era devido.

Um dos aspectos que o filósofo alemão vai recuperar da filosofia kantiana é a ideia de que nós não podemos conhecer as coisas em si mesmas, ou seja, não podemos conhecê-las exatamente como são, restando-nos conhecê-las a partir de representações. Portanto, o que conhecemos são os fenômenos - as coisas tais como aparecem para nós - mas não a realidade em si mesma. Já o conceito de vontade diz respeito a uma vontade cega e irracional que move todos os seres vivos. Assim, todos os seres, em última análise, lutam pela sua própria vida a partir de uma vontade que é egoísta e voltada para a subsistência.

Com base nessas ideias de vontade e representação, Schopenhauer vai criticar confiança exagerada na razão - presente, por exemplo, em filósofos como Descartes e Kant - pois o homem, segundo ele, não possui o controle racional sobre as coisas e nem sobre si próprio, pois há um desejo cego e incontrolável que os afeta. Assim, é uma ilusão suposto controle racional defendido pela metafísica tradicional, o que nos leva para um visão pessimista sobre a realidade.

O mundo é marcado, seguindo esse ponto de vista, pela dor e pelo sofrimento, pois o homem nunca pode satisfazer completamente o seu desejo. A ética da compaixão e da caridade oferece um contraponto ao egoísmo. Enquanto o egoísmo parte da ideia de que somos o centro do mundo e, nessa mesma medida, acaba por separar os homens, o exercício da compaixão pode, inversamente, unir os homens naquilo que eles têm em comum. Assim, percebemos que todas as coisas estão unidas quando estabelecemos uma relação de compaixão com elas.

Exercícios

1. (Enem 2016) Sentimos que toda satisfação de nossos desejos advinda do mundo assemelha-se à esmola que mantém hoje o mendigo vivo, porém prolonga amanhã a sua fome. A resignação, ao contrário, assemelha-se à fortuna herdada: livra o herdeiro para sempre de todas as preocupações.

SCHOPENHAUER, A. *Aforismo para a sabedoria da vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

O trecho destaca uma ideia remanescente de uma tradição filosófica ocidental, segundo a qual a felicidade se mostra indissociavelmente ligada à

- a) a consagração de relacionamentos afetivos.
 - b) administração da independência interior.
 - c) fugacidade do conhecimento empírico.
 - d) liberdade de expressão religiosa.
 - e) busca de prazeres efêmeros.
2. (Ufsj 2013) “A Filosofia a golpes de martelo” é o subtítulo que Nietzsche dá à sua obra *Crepúsculo dos ídolos*. Tais golpes são dirigidos, em particular, ao(s)
- a) conceitos filosóficos e valores morais, pois eles são os instrumentos eficientes para a compreensão e o norteamento da humanidade.
 - b) existencialismo, ao anticristo, ao realismo ante a sexualidade, ao materialismo, à abordagem psicológica de artistas e pensadores, bem como ao antigermanismo.
 - c) compositores do século XIX, como, por exemplo, Wolfgang Amadeus Mozart, compositor de uma ópera de nome “Crepúsculo dos deuses”, parodiada no título.
 - d) conceitos de razão e moralidade preponderantes nas doutrinas filosóficas dos vários pensadores que o antecederam e seus compatriotas e/ou contemporâneos Kant, Hegel e Schopenhauer.
3. (Ufsm 2012) Aristóteles, por exemplo, falava da tragédia como catarse, pela qual a arte nos capacita a lidar com emoções universais por nos confrontar com elas e, em certo sentido, nos fazer purgá-las, ao assistirmos a um drama. Hsun Tzu achava que, de certa forma, a música reflete a harmonia da ordem divina, de modo que sabermos apreciar a música de maneira adequada nos leva a um certo *insight* [iluminação] da realidade última. Schopenhauer acreditava que a arte é um *insight* do aspecto fundamental da realidade: a vontade, isto é, o poder por trás de toda atividade do universo.

Considere as seguintes afirmações:

- I. Para Aristóteles, a arte tem uma função preponderantemente expressiva.
- II. Para Hsun Tzu, a música tem uma função preponderantemente expressiva.
- III. Para Schopenhauer, a arte tem uma função preponderantemente expressiva.

Está(ão) correta(s):

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas III.
- d) apenas I e II.
- e) apenas II e III.

4. Deve-se fazer de tudo para ser feliz? Essa foi a pergunta escolhida para ser um dos temas da dissertação de filosofia do baccalauréat deste ano - o exame de conclusão do equivalente ao ensino médio na França e que dá acesso à universidade. A primeira intenção, bastante evidente, era pôr o estudante diante de um dilema ético sobre as escolhas a serem feitas na busca da realização de ambições e desejos. Ou melhor, sobre os limites das iniciativas a serem tomadas nesse sentido. A vida mostra que há quem os tenha mais estreitos, mais largos, ou mesmo quem só aparente tê-los, na fronteira da psicopatia. Mas a pergunta aos alunos franceses embute uma segunda discussão: afinal de contas, o que é a felicidade?

Na filosofia do alemão Arthur Schopenhauer, tido como o arauto do pessimismo, podemos encontrar uma das melhores compreensões do que seja a felicidade. Entre as cinquenta regras que se encontram esparsas pela obra do filósofo, destacam-se três:

Primeira: estar ciente de que só a dor é verdadeira. Ou seja, não requer nenhuma ilusão acessória para existir. Usufruir um presente sem dor, em vez de procurar o prazer num futuro improvável, é já uma forma de ser feliz, por mais que isso possa parecer sem graça aos olhos da civilização hedonista. “O homem sábio não aspira ao deleite, e sim à ausência de sofrimento”, escreveu Schopenhauer, citando o grego Aristóteles.

Segunda: evitar a inveja: ela tortura quem a nutre e, por esse motivo, causa infelicidade. “Você nunca será feliz enquanto se torturar por alguém ser mais feliz”, resumiu Sêneca. A crueldade apontada por Schopenhauer: “E, no entanto, nós estamos constantemente preocupados em despertar inveja”

Terceira: ser fiel a si próprio. Seguir as características e os pensamentos que o forjaram, assim como aceitar as suas limitações, é essencial para o indivíduo resguardar-se de frustrações. Trata-se de algo difícil, porque não raro somos tentados a enveredar por caminhos estranhos a nós mesmos, mais adaptados às condições de quem invejamos. Diz o filósofo alemão: “Quando reconhecemos, claramente, e de uma vez por todas, nossas qualidades e forças, bem como nossos defeitos e fraquezas, conseguimos fixar os nossos objetivos e nos resignamos com o inatingível. Escapamos, dessa maneira, à mais terrível de todas as dores: a insatisfação com nós mesmos, essa insatisfação que é a consequência inelutável da ignorância da própria individualidade”.

(Mario Sabino, A arte de ser feliz, Veja, 23.07.2014. Adaptado)

É correto afirmar que as ideias de Schopenhauer sobre a felicidade:

- a) estão dissociadas da busca por prazer e vinculadas ao conhecimento das próprias limitações.
- b) dependem principalmente de fatores externos à vontade do indivíduo, os quais ele não pode afastar
- c) baseiam-se em princípios éticos moralmente questionáveis, embora grande parte da sociedade os condene
- d) afastam preocupações com o presente, para focar--se no futuro, como forma de evitar frustrações.
- e) recusam o sofrimento, entendido como antinatural e negativo, apesar de inevitável nos dias atuais.

5. *"O amor é o objetivo último de quase toda preocupação humana; é por isso que ele influencia nos assuntos mais relevantes, interrompe as tarefas mais sérias e por vezes desorienta as cabeças mais geniais."*

SCHOPENHAUER, A. O Mundo como Vontade e Representação.

Para Schopenhauer, qual a relação entre o amor, a felicidade e a vontade?

- a) Schopenhauer acreditava no amor como meta na vida, mas não acreditava que ele tivesse algo a ver com a felicidade. Era apenas a vontade cega e irracional que todos os seres têm de se reproduzirem, dando assim continuidade à vida e, por conseguinte, ao sofrimento.
 - b) Para o autor, a felicidade só seria alcançada através do amor que é a vontade sublime da existência humana. Satisfazer a magna vontade humana é encontrar seu telos em vida.
 - c) A vontade é a síntese da relação dialética entre o amor (sofrimento) e a felicidade (satisfação), ocorrendo num ciclo infinito e absoluto onde tese e antítese se impulsionam
 - d) Apesar de ser, cosmicamente, apenas mais um ser vivo dentre uma enorme variedade de seres, Schopenhauer afirma que apenas o ser humano é dotado de vontade, sendo essa a essência humana que gera o amor e a felicidade.
 - e) Enquanto o amor é angústia, a vontade é felicidade
6. "Onde se descreve o procedimento mais original e mais importante de minha filosofia, qual seja, a passagem, que Kant declarara impossível, do fenômeno à coisa em si."

SCHOPENHAUER, A. O Mundo como Vontade e como Representação

Apesar de ser grande devedor do pensamento kantiano, Schopenhauer abandona o otimismo da razão abordando o mundo pelo pessimismo da Vontade. Para ele, a vontade é:

- a) A interação entre a percepção e o nômeno, ou seja, o fenômeno.
- b) essência do mundo, a coisa em si kantiana, percebida imediatamente por intermédio de meu próprio corpo.
- c) A essência do mundo, amor, ódio, salvação
- d) O querer racional de preservação dos outros manifesta pela reprodução
- e) Angústia que guia o homem à felicidade a partir do impulso do instinto de sobrevivência

7. *“No espaço infinito, inumeráveis esferas brilhantes. Em torno de cada uma delas giram aproximadamente uma dúzia de outras esferas menores iluminadas pelas primeiras e que, quentes em seu interior, estão cobertas de uma crosta rígida e fria sobre a qual uma cobertura lodosa deu origem a seres vivos que pensam; – eis aí a verdade empírica, o real, o mundo”.*

SCHOPENHAUER, A. O Mundo como Vontade e como Representação

Para Schopenhauer, ao contrário da tradição socrático-cartesiana, a razão nada mais é do que uma ilusão. Mesmo que usemos a razão para organizar as representações do mundo, a verdade nunca será cognoscível. Tendo isso em vista, o que significa a representação para o filósofo?

- a) A representação é a interpretação pessimista da realidade, que, a partir da vontade não satisfeita, gera angústia.
- b) A representação é manifestação, nos indivíduos, de suas vontades, onde cada um arremeda, dissimula e encena ações em busca de sua satisfação
- c) Para Schopenhauer a representação são o conhecimento que obtemos a partir da experiência do mundo a partir de juízos estéticos
- d) A representação se manifesta, para Schopenhauer, como fenômenos sensíveis, considerados como enganosos pelo pensador e que devem ser ignorados em nome da busca da verdade absoluta.
- e) Na concepção da realidade dualista do autor (coisa em si e fenômenos) a representação é a manifestação da vontade (que é una e transcendental) objetivada no mundo das ideias. Ou seja, a representação é o que a mente e a consciência nos permitem ver da coisa-em-si

8. *“Todo desejo nasce de uma necessidade, de uma privação, de um sofrimento. Satisfazendo-o acalma-se; mas embora se satisfaça um, quantos permanecem insaciados! De mais, o desejo dura muito tempo, as exigências são infinitas, o gozo é curto e avaramente medido. E mesmo esse prazer uma vez obtido é apenas aparente: sucede-lhe outro, o primeiro é uma ilusão dissipada, o segundo uma ilusão que dura ainda”.*

SCHOPENHAUER, A. Dores do Mundo

Para Schopenhauer, uma das formas de superar a angústia da vida é a apreciação artística. Assinale a alternativa que melhor corresponde ao pensamento do autor:

- a) A arte capta, expressa e objetiva a essência das coisas, nos aproximando da vontade e nos entronizando com ela
- b) Pela contemplação artística elevamos a mente à contemplação da verdade libertos – mesmo que momentaneamente – da influência da vontade.
- c) A contemplação estética está intimamente ligada a ascese; com o belo superamos os desejos pela sua completa satisfação
- d) A elevação ontológica pela apreciação da arte é imediata; dado o processo de contemplação a vontade já não exerce mais influência.
- e) A arte tem como papel preponderante revelar o que há de cognoscível na verdade, mitigando seu efeito angustiante.

9. Nossa felicidade depende daquilo que somos, de nossa individualidade; enquanto, na maior parte das vezes, levamos em conta apenas a nossa sorte, apenas aquilo que temos ou representamos. Pois, o que alguém é para si mesmo, o que o acompanha na solidão e ninguém lhe pode dar ou retirar, é manifestamente mais essencial para ele do que tudo quanto puder possuir ou ser aos olhos dos outros. Um homem espiritualmente rico, na mais absoluta solidão, consegue se divertir primorosamente com seus próprios pensamentos e fantasias, enquanto um obtuso, por mais que mude continuamente de sociedades, espetáculos, passeios e festas, não consegue afugentar o tédio que o martiriza.

(Schopenhauer. Aforismos sobre a sabedoria de vida, 2015. Adaptado.)

Com base no texto, é correto afirmar que a ética de Schopenhauer

- a) corrobora os padrões hegemônicos de comportamento da sociedade de consumo atual.
 - b) valoriza o aprimoramento formativo do espírito como campo mais relevante da vida humana.
 - c) valoriza preferencialmente a simplicidade e a humildade, em vez do cultivo de qualidades intelectuais.
 - d) prioriza a condição social e a riqueza material como as determinações mais relevantes da vida humana.
 - e) realiza um elogio à fé religiosa e à espiritualidade em detrimento da atração pelos bens materiais.
10. O amor para Schopenhauer é:
- a) é central em sua filosofia, pois explica a vontade objetivada nos seres humanos.
 - b) é central em sua filosofia, pois explica como representamos o mundo.
 - c) é secundário em sua filosofia, pois o pensamento e razão são manifestações mais profundas de nosso ser.
 - d) é secundário em sua filosofia, pois ocupa conotação sexual e depravada.
 - e) é central em sua filosofia, pois é manifestação da representação do mundo pelos sentidos.

Gabarito

1. B
Ao criticar a satisfação de nossos desejos, Schopenhauer retoma uma concepção filosófica de tradição estoica, segundo a qual a felicidade se dá através do controle das paixões.
2. D
O indivíduo soberano, diz Nietzsche, deve livrar-se da moralidade, das coerções sociais. Um indivíduo assim se move de acordo com o seu instinto e sua natureza; ele não se submete à consciência que reprime seus impulsos desiderativos. O soberano se livra da consciência destruindo sua memória e alcança a liberdade através do esquecimento. Com marteladas, a ética pode ser fundada com o esquecimento do moralismo.
3. A
Podemos dizer que somente Aristóteles possui uma definição de arte com relação à função expressiva. Enquanto Hsun Tzu e Schopenhauer concebiam a arte como *insight*, Aristóteles a enxergava como catarse, ou seja, como expressão humana (apesar de alguns autores considerarem que a função pedagógica seja a predominante na concepção aristotélica de arte).
4. A
Vinculadas ao conhecimento das próprias limitações: "Quando reconhecemos, claramente, e de uma vez por todas, nossas qualidades e forças, bem como nossos defeitos e fraquezas, conseguimos fixar os nossos objetivos e nos resignamos com o inatingível".
5. A
Schopenhauer afirma que o amor como vontade é um desejo, um impulso em direção a perpetuação da espécie. Como representação, o amor está atrelado a ideia de felicidade, esta impossível. Assim o amor como representação (idealizado como felicidade) nos compele a satisfação do amor como vontade, perpetuando a vida e o sofrimento.
6. B
Schopenhauer atravessa o véu metafísico concebendo o nômeno kantiano como experienciável, apesar de incognoscível. Esse nômeno é universal e racionalmente inacessível, sendo essa coisa em si uma vontade. Tudo que percebemos a existência, inclusive nossos corpos, são uma manifestação da vontade, mas não a vontade em si, já que essa é imperceptível. Assim sendo, o que percebemos é a representação da vontade.
7. E
Schopenhauer apresenta duas instâncias de existência: A vontade (una e transcendente) e a representação (percepção da vontade). Para o pensador, a representação não corresponde a fenômenos subjetivos que guardam distância ontológica da coisa em si. Para que fossem diferentes deveria haver tempo e espaço, mas tempo e espaço são percepções da consciência humana (subjetividade) e não realidade. A representação não é tampouco consequência da coisa em si, pois a relação de causalidade é unicamente fenomênica. A representação é uma manifestação da coisa em si de maneira perceptível, enquanto a vontade resguarda sua imperceptibilidade.
8. B
A arte propicia o conhecimento da representação sem a necessidade de termos junto o princípio de

razão. A contemplação estética permite que o objeto preencha completamente a consciência do sujeito.

9. B

A ética de Schopenhauer valoriza a individualidade, a riqueza espiritual, ou seja, dá maior relevância às capacidades intelectuais que os homens cultivam na solidão. É melhor ser do que ter ou aparentar, o que vai de encontro à ética de Schopenhauer que valoriza a solidão, já que a aparência é mais propícia de ser cultivada em comunidade.

10. A

Como representação o amor representa a união, a estabilidade do casal, a alegria a completude. O amor é um fim em si mesmo, ele é ímpeto porque é busca desenfreada de se unir à pessoa amada. Mas como Vontade o fim do amor é a união, o fim da união é a estabilidade de um casal, o fim do casal é a reprodução, o fim da reprodução é gerar filhos, e, portanto, propiciar a propagação da espécie na existência. Ou seja, toda a questão do amor se sustenta na composição da próxima geração. A chave para entender as disputas amorosas do presente é esta força, este desejo irracional, que quer compor da melhor maneira possível a geração que sucederá a nossa. Dessa forma, o amor é a manifestação da vontade no outro, a objetificação da vontade nos seres humanos.